


TODO MUNDO PODE ESCOLHER O FEMINISMO: O CONVITE DE BELL HOOKS

Everybody can choose feminism: the invitation of bell hooks

Luciele Mariel Franco

Mestranda em Teoria e História do Direito
Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-
Graduação em Direito, Florianópolis-SC, Brasil
lucielemfranco@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7955-0915>

A lista completa com informações da autora está no final do artigo ●



HOOKS, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. E-book.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo. Educação feminista. Escolha consciente.

KEYWORDS: Feminism. Feminist education. Informed choice.

A feminista negra bell hooks, nascida em 1952 no sul dos Estados Unidos, conheceu e se dedicou ao movimento feminista desde muito jovem, considerando-o como visionário. Foi registrada como Gloria Jean Watkins, mas adotou o referido pseudônimo em homenagem a sua avó materna, Bell Blair Hooks, optando por grafá-lo com letras minúsculas no intento de deslocar o foco da figura autoral para suas ideias. A partir de sua formação em literatura inglesa, desenvolveu estudos interseccionais dirigidos à discussão sobre raça, gênero e classe, com ênfase nas relações sociais opressivas.

Seu comprometimento com a teoria e a prática feminista e com o desafio de mudar o patriarcado transparece nos seus diversos livros, em que trata de questões como arte, história, educação e mídia de massas. Escrito como um convite a todos, *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018)¹ utiliza uma escrita acessível para cumprir seu intuito de esclarecer o pensamento feminista e incentivar a adoção de suas políticas. Partindo de sua experiência, dos acontecimentos que presenciou em sua vida e da experiência de mulheres e homens ao seu redor, o livro aborda de forma didática e sequencial diversos tópicos relevantes para a construção e desenvolvimento do feminismo contemporâneo. Ao relatar a história do movimento nos Estados Unidos, trabalha constantemente com retrospectivas da mobilização de mulheres desde a década de 60, pontuando como as pautas foram desenvolvidas, reformuladas e, muitas vezes, escolhidas em detrimento de outras.

Para a autora, o feminismo é um movimento fundamentalmente radical, que deve envolver teoria e prática de forma coerente, de modo que a adesão às políticas feministas é tanto uma escolha quanto uma ação. Por conseguinte, acredita que a renúncia à essência radical da luta feminista teria tornado o movimento vulnerável a cooptação pelo patriarcado capitalista de supremacia branca. Nesse sentido, a expansão da noção de que é possível haver vários “feminismos”, por exemplo, serviria apenas a interesses políticos de caráter conservador e liberal.

bell hooks, portanto, não ignora, e mais do que isso, chama constantemente a atenção para as contradições que o feminismo representou, especialmente quando encabeçado por mulheres privilegiadas que se autodeclararam proprietárias do movimento, constituindo o que chama de “feminismo de poder” (2018, p. 55). Este é situado pela autora como uma visão reformista de libertação das mulheres, não comprometida com uma

¹ O texto original foi publicado em inglês em 2000 pela *South End Press*, com o título “*Feminism is for everybody: passionate politics*”, recebendo uma segunda edição em 2015 pela *Routledge*, que serviu de base para as edições brasileiras.

mudança fundamental na estrutura social existente. A igualdade de gênero buscada por pensadoras reformistas estaria pautada na reivindicação por mais direitos, que dentro de um grupo privilegiado de mulheres muitas vezes equivaleu a requerer direitos iguais aos dos homens de sua classe e raça. Assim, constitui um movimento que teria se filiado a ideais de supremacia branca e classista, acabando por fortalecer o sistema patriarcal capitalista e sexista, na medida em que suprimia vozes dissidentes e pautas de outros grupos de mulheres.

Em oposição a essa visão, a autora defende perspectivas consideradas mais radicais e/ou revolucionárias, empenhadas na construção de uma teoria feminista que tenha por base a compreensão da inter-relação entre as opressões de gênero, raça e classe. Um movimento visionário, fundamentado nas condições concretas das mulheres, que proponha modelos de reciprocidade e igualdade que substituam os velhos paradigmas.

hooks compartilha de uma visão epistemológica que entende que “a categoria ‘mulher’ não pode ser objeto unificado de investigação ontológica e epistemológica” e, do mesmo modo, “não pode constituir um sujeito singular de conhecimento” (SATTLER, 2019, p. 16). Nesse sentido, como frequentemente apontado em suas obras, compreende que a experiência de vida das mulheres negras pode conceder um ponto de vista especial “para criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante e vislumbrar e criar uma contra-hegemonia” (Hooks, 2015, p. 208). De acordo com a autora,

[...] esse ponto de vista privilegiado não emerge da "autoridade da experiência", mas da paixão da experiência, da paixão da lembrança. [...] É uma forma de saber que é frequentemente expressa através do corpo, o que sabe, o que foi profundamente inscrito nele através da experiência (Hooks, 1991, p. 182-183).²

Patrícia Hill Collins descreve esse ponto de vista privilegiado como resultante do *status* de *outsider within*³ que pensadoras negras costumam conservar perante a comunidade científica tradicional, cuja visão de mundo tende a refletir apenas as experiências dos grupos dominantes. Segundo a autora, as mulheres negras que desenvolvem uma postura crítica decorrente de suas experiências enquanto mulheres negras “estão em posição melhor para trazer uma perspectiva especial, não apenas para o

² Tradução do original: [...] *this privileged standpoint does not emerge from the "authority of experience" but rather from the passion of experience, the passion of remembrance. [...] It is a way of knowing that is often expressed through the body, what it knows, what has been deeply inscribed on it through experience.*

³ Juliana de Castro Galvão, ao traduzir o texto original da autora, aponta que o termo não tem uma correspondência inquestionável em português, de modo a optar por manter o termo original, o que se manteve na presente. Assinala, ainda, que possíveis traduções poderiam ser “forasteiras de dentro” ou “estrangeiras de dentro”.

estudo de mulheres negras, mas também para algumas das questões fundamentais que a própria sociologia enfrenta” (2016, p.122). Nesse sentido, aponta como uma grande contribuição do pensamento feminista negro a análise da natureza interligada da opressão.

Assim, considerando a posição defendida por hooks para a contínua construção do movimento feminista, torna-se mais compreensível sua definição de feminismo, enquanto “um movimento para acabar com sexismo, exploração sexista e opressão” (2018, p. 17). Nela, fica implícito que todos os pensamentos e ações sexistas são um problema, independente de quem os perpetue. E, do mesmo modo, que a natureza do sexismo é interligada a outras opressões. É um conceito chave que permite refletir sobre todos os fenômenos que estão conectados com o patriarcado e a dominação masculina. Para a autora, se essas estruturas opressivas não forem desfeitas, todas as formas de relacionamentos interpessoais vão continuar a reproduzir paradigmas de dominação e submissão.

Posto isso, destaca-se o papel fundamental creditado aos homens na adesão ao feminismo e na incorporação de suas práticas. A justificativa se dá não só pela posição (ainda que relativa) de privilégio que costumeiramente ocupam nas estruturas sexistas, mas também pela consideração de que estas refletem negativamente na construção de suas identidades, chegando a inibir certos direitos. Sobre o assunto, Connell e Messerschmidt afirmam que as “masculinidades são configurações da prática que são construídas, reveladas e transformadas ao longo do tempo” (2013, p. 271) e, portanto, não podem ser consideradas como identidades fixas.

bell hooks, aliás, teceu diversas reflexões sobre masculinidades negras durante sua trajetória teórica, amadurecidas e sistematizadas em seu livro *We Real Cool: black man and masculinity* (2004). Neste, analisa as práticas de socialização, os modos de representação ideológica e “os estereótipos sociais mobilizados historicamente sobre homens negros como configurações práticas da intersecção entre racismo, sexismo, desigualdades de classe, nacionalidade e sexualidade” (CONRADO; RIBEIRO, 2017, p. 85). Para hooks, esses estudos podem apresentar uma ponte para conectar a causa feminista com a “experiência masculina”, já que “na cultura patriarcal, todos os homens aprendem um papel que restringe e confina”, mas, “quando raça e classe entram em cena, juntamente com o patriarcado, os homens negros sofrem as piores imposições da

identidade patriarcal masculina de gênero” (2004, p. x).⁴ Por razões como essa, hooks (2018) defende a importância de oferecer visões mais libertadoras da masculinidade, no intento de construir identidades que não sejam fundamentadas em estruturas opressivas.

O *Feminismo é para todo mundo* (2018), portanto, pauta-se na supracitada compreensão de feminismo para analisar os problemas enfrentados pelo movimento, elencar as conquistas já obtidas e apontar as pautas a serem desenvolvidas, tendo em vista as estruturas opressoras ainda vigentes. Ao considerar as contribuições de diferentes epistemologias feministas, seu feminismo visionário tem como objetivo criar uma revolução contínua e sustentável.

Em meio a todos os tópicos abordados na obra, a autora tem dois pontos muito bem articulados e reiterados. O primeiro é a crença de que a identificação com o feminismo deve ser fruto de uma escolha consciente, a partir da educação sobre as políticas feministas, proporcionando uma efetiva adesão a sua teoria e prática. O segundo, por sua vez, diz respeito à necessidade de concretização dessa educação feminista, com sua difusão em massa, para que o feminismo seja escolhido e incorporado por todas e todos. Por conseguinte, resta apenas reforçar o convite proposto por bell hooks: “veja como o feminismo pode tocar e mudar sua vida e a de todos nós. [...] Aproxime-se e verá: o feminismo é para todo mundo” (2018, p. 15).

REFERÊNCIAS

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 mar. 2020.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, jan/abril 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000100014>. Acesso em 27 mar. 2020.

CONRADO, Mônica; RIBEIRO, Alan Augusto Moraes. Homem Negro, Negro Homem: masculinidades e feminismo negro em debate. **Revista Estudos Feministas**,

⁴ Tradução do original: *In patriarchal culture, all males learn a role that restricts and confines. When race and class enter the picture, along with patriarchy, then black males endure the worst impositions of gendered masculine patriarchal identity.*

Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 73-97, abr. 2017. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/40165>. Acesso em 26 mar. 2020.

HOOKS, bell. Essentialism and Experience. **American Literary History**, v. 3, n. 1, p. 172-183, 1991.

HOOKS, bell. **We real cool**: black man and masculinity. New York: Routledge, 2004.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.16, p.193-210, jan./abr. 2015. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522015000200193&lng=en&nrm=iso. Acesso em 26 mar. 2020.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 1 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018. *E-book*.

SATTLER, Janyne. **Epistemologia Feminista**. Florianópolis, 2019. Disponível em:
<https://cpgd.paginas.ufsc.br/files/2019/05/Epistemologia-Feminista-texto-para-leitura-pr%C3%A9via.pdf>. Acesso em 24 mar. 2020.


NOTAS

Luciele Mariel Franco

Mestranda em Teoria e História do Direito

Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis-SC, Brasil

lucielemfranco@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-7955-0915>

Endereço de correspondência do principal autor

Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Campus Universitário, s/n - Trindade, 88040-900, Caixa Postal 476, Florianópolis – SC, Brasil

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: L. M. Franco.

Caso necessário veja outros papéis em: <https://casrai.org/credit/>

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

- 1) Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Bolsa de mestrado CNPq.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO



Os autores cedem à **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Javier Ignacio Vernal, Silmara Cimbalista.

HISTÓRICO

Recebido em: 12-02-2020 – Aprovado em: 14-03-2020 – Publicado em: 30-04-2020